

NATIONALBIBLIOTHEK  
IN WIEN

123182-A

ALT-







# OBRAS POETICAS;

FEITAS

POR ANTONIO PINTO DA FONSECA NEVES,

SEGUNDO TENENTE DE ARTILHARIA:

## VICTIMA

Da vergonhosa Sentença, proferida no Juizo  
da Inconfidencia, em 15 de Outubro de 1817.



## LISBOA:

No Officina da Viuva de Lino da Silva Godinhos

Anno de 1821.

Rua dos Cavalheiros N.<sup>o</sup> 79, primeiro andar.

---

Vende-se por 480 réis, em todas as Lojas  
do costume.

**Que maneira tão áspera de pena,**  
• • • • • • • • • • • • • • • • • • •  
• • • • • • • • • • • • • • • • • • •  
**Se no processo meu esteade os olhos,**  
**Tão cheios de trabalhos vejo os dias,**  
**Que já não gosto nem do mesmo gosto.**

**Gomões.**

---

## S O N E T O.

Deos ! ó Grande Deos Omnipotente,  
 Que és Trino , que és hum só , só Divindade ;  
 Os Sobetanos Outros por piedade ,  
 Benigno volve , ampara hum innocent :

Tu meu Divino Escudo Omniscente ,  
 Só podes aclarar toda a verdade ;  
 Rasgando o véo á perfida maldade ,  
 Que tenta hoje tornar-me delinquente :

Ah ! guia o meu Juiz : sevexo inquirá  
 Quál meu delicto foi ; interno , ou extetno ;  
 E , se eu culpado for , co' a Lei me fira ;

Punia o meu crime ; nem o quero terno ;  
 Da dor não ouça os aís : morte profira ;  
 Mas depois della não me deis o Inferno .

## S O N E T O.

Maria, Mái de Deos f' dos Ceos Rainha,  
 Oh ! Paz da humanidade atribulada,  
 A cujas Plantas gemé agrilheada  
 A sérpe, que infestando o mundo vinha :

Tu, que d'huma innocenté és a Madrinha,  
 Que foi, antes de ser, a ti votada,  
 No apoio do Pai, firm' a affilhada,  
 Melhora, por bem della a sorte minha :

A ti, que tens o Scerpro da Clemencia ;  
 Recorre hum triste, a quem raivosa intriga  
 Quer denegrir a candida innocencia :

Dá-me conforto ; porque senão diga  
 Que a mim mesmo roubei minha existencia :  
 Pois senão foras tu, de certo p'riga.

*A minha mulber*

## S O N E T O.

**Quando teus olhos sobre mim lançarão,  
Ternas viſtas de amor, a amor só dados ;  
Quando os cabellos teus por delicados  
Pulcros dados a Marte agrilhoárao :**

**Quando as tuas palavras me jurarão  
De minha feres apezar dos Fados :  
Quando nas nossas mãos laços sagrados  
Nas Aras d'Hymineo amor ligarão ;**

**Quando a primeira vez cara Conforte ,  
Teu seio virginal toquei gostoso ,  
Que Amor nos deo reciproco transporte ;**

**Fóra melhor que hum raio estrepitoso ,  
Cahinlo sobre mim , me déſſe a morte ;  
Q'então foras felia , e eu mais ditoso.**

*A minha mulher, e filha*

## S Q N E T O.

Minha filha, meu bem, minha Consorte;  
 Objectos do amor mais extremoso,  
 Lamentai o meu fado rigoroso;  
 Chorai comigo a minha triste sorte:

O não vos poder ver, he mal tão forte,  
 Com que não pôde hum coração saudoso,  
 E se mais teima o meu destino iroso,  
 Voluntario me entregó á doce morte:

Ella só pôde consolar hum triste,  
 Que ausente do seu bem, que mais adora,  
 Sem crime algum n'hum cabalouço existe:

Já sinto avizinhar-se a feliz hora:  
 He forte o coração; mas não resiste...  
 Calla-te Esposa, que o meu mal melhora.

*Resposta da Esposa ao antecedente, pelo  
mesmos finais*

## S O N E T O.

Se amas a filha, se amas a Ceforte,  
 Deves a vida amar mais extremos;  
 Deves zombar do fado rigoroso;  
 Virtude heroica he sup'rior e forte;

Se o mal he grande; o coração mais forte  
 Vencello deve, e a meu amor fadoso,  
 Guardar os dias, que o destino iroso  
 Não separa dos meus em vida, ou morte;

Ha de acabar a ausencia; a Esposa triste  
 Comtigo ha de ser ledia; pois te adora;  
 Para ti só respira, pensa, e existe;

Prepara a Providencia a feliz hora  
 Do prazer; a quem firme ao mal resiste;  
 E a fortuna vencida se melhora.

*No dia em que a filha do Author fazia  
bum anno,*

## SONETO.

Caro fructo d'amor; minha ternura;  
 Premio, que só ganhei d'amor na lida,  
 Q' és florinda em botão, reproduzida  
 De hum tronco a quem persegue a desventura

Sé o prazer da Mai, tão casta, e pura,  
 Que por ordem do Ceo te deo a vida,  
 Em quanto ao Pai a forte desabrida  
 Os dias lhe envenena de amargura:

Quando nos braços seus te der encosto,  
 Offrecendo-te o peito, e o sustento,  
 Que bebes ainda sem sentir desgosto;

Com affagos modera o seu tormento,  
 Com as tenrinhas mãos palpa-lhe o rosto,  
 Que nisto lhe darás contentamento.

*No mesmo dia.*

## S O N E T O.

Tenro pomo d'amor , ainda envolvido  
 Na flor que te produz ; reconcentrado  
 No puro germe , que te tem formado ;  
 Mas de tal producção arrependido :

O Ceo te chame a si , o Ceo doído  
 Do teo Progeitor tão desgraçado ;  
 De ti , de tua Mäi se opponha ao fado ,  
 Que tanto tem de nós escarnecido :

Astes que á primavera de teus dias  
 Sobre-saia a razão , a morte , a morte .  
 Do triste Pai te esconde as cinzas frias :

A ti ,... à Mäi ,... ao Pai leve de hum córte ,  
 Por não Herdardes minhas agonias ,  
 A minha desventura , a minha sorte .

*Feito em um dos segredos aonde estevo o  
Author: denominado : Segredo do Inferno.*

## S O N E T O.

Medonha gruta , Carcere do Inferno,  
Negra caverna ; onde o silencio mora ,  
Propria a nutrir o mal , que me devora ,  
Que lasca , e punge o coração mais terno :

Triste lugar , onde o pavor eterno  
A serie dos meus males affervora ;  
Aonde hum innocent afficto chora ,  
Prezo á calunia , que surgiu do Averno :

Não tens vivente algum mais que a tristeza  
Reproduzida em mim : aqui recessa  
De exercer as funções a natureza !

Té para te tornar ainda mais feia  
Té são coxete ; pasmo de estranheza !  
Alguma aranha , mosca , ou centopeia !

*A sensibilidade.*

## SONETO.

A ternura he hum mal, que bem parece,  
 E me hum bem, que nos trás hum mal veemente,  
 Soçego, que o trabalho põem patente,  
 Trabalho, que o soçego desvanece;

He pena, donde só gosto apparece,  
 He gosto, que se troca em pena ingente,  
 He vida, donde só morte se sente,  
 He morte, donde a vida resplandecে;

He da confolação, a doce guia,  
 He guia do pesar, a que anda preza,  
 He mágoa, que em prazeres se avalia,

He alegria, que nos dá tristeza,  
 Tristeza, que nos dá doce alegria;  
 Eis da sensibilidade a natureza.

*Aos trastes que achei em o segredo no Castello.*

## SONETO.

A porta , que se abrio a antiguidade ,  
 Que não sei se he de pão , se de farinha ,  
 Posta sobre dous bancos da Cozinha ; (1)  
 Que teve Adão lá na primeira idade :

Banco , em que descansou a Divindade ,  
 Depois que feito a grande obra tinha ;  
 Meza , que da que foi não se adivinha ,  
 Com pés dados por pia caridade : (2)

Hum cujo castiçal , que Elias vira .  
 Entre ourros trastes que do Pai herdara ;  
 E hum jarro onde José Leite mugira :

Eis os trastes que hum Guarda apresentará  
 A hum triste prezo que analysa , e admira  
 De cada hum delles avelhice rara !

(1) Hum a velha portá , sobre dous bancos podres , era a barra da cama .

(2) A meza aonde comia tinha de hum lado os pés de outra .

*A minha passada vida,*

## SONETO.

Se rasgo o véo á já passada vida,  
 E o livro della imparcial folheio,  
 Por mais que estudo, que analyso, e leio,  
 Não acho huma acção só ao crime unida :

Respeito o Rei, a Lei não me intimida,  
 Pois do bom Cidadão he firme esteio ;  
 Jámais roubei o credito alheio ;  
 Jámais fui salteador, nem homicida :

Adoro quanto posso a Divindade,  
 Tenho hum bom coração, hum' alma nobre,  
 Choro, se chorar vejo a humanidade ;

Alesto o afficto porquc não soçobre ;  
 Faço quanto me ensina a caridade ,  
 A favor do indigente, a bem do pobre.

## A' Calunia.

## S O N E T O.

Cospe calumnia vit, cospe em meus dias  
 Os crimes todos, que sonhaste irada,  
 Vomita na minha alma socegada,  
 Imposturas, traïções, alevosias:

Vai ao lugar no qual jazer devias,  
 Convoca as fúrias da infernal morada,  
 E vem de todas ellas escolhida,  
 Trás, contra mim quantos venenos crias:

Juntas em turbilhão, correi sem freio  
 De casa do Juiz ao meu segredo,  
 Da minha perda escogitai o meio:

Traçai o plano do mortal entêdo;  
 Minha innocencia jámais tem recôjo;  
 Q Ceu me escude; não; não tenho medo.

do Sol.

## S O N E T O.

Astro brilhante, que dás luz ao dia,  
 Que fazes reviver a natureza;  
 Que dás verdeo ao prado, à flor beleza;  
 Que outros tudo quanto a terra crise:

Astro brilhante, annuncio d'alegría,  
 A tudo quanto habita a redondeza,  
 Que sacodes dos homens a mollezza,  
 Que despertas nas aves a armonia:

Astro brilhante, vem antes que fandes:  
 Os Antypados, vem, veni vêr hum afficto,  
 Mas ai que em vão te chamo, não respondes,

Ah! não; não te horrorisa o meu delicto,  
 A causa, a causa sei; porque te escondes,  
 Tremes, tremes de entrar aonde habito!

*Ao inventor da prizão: Segredo.*

## S O N E T O.

Maldito sejas tu impio inventor,  
 Do segredo; prizão a mais fatal,  
 Habitação só propria do animal,  
 Que não tem similitude ao Creador:

Maldito sejas fraco seductor,  
 Pois da fraqueza se origina o mal;  
 Sofrendo estejas tu pena infernal,  
 Sem que te gaste o fogo abrazador:

Trinquem-te o coração abutres mil,  
 Calquem-te o collo os pés de Satanaz,  
 Já que foste aos tyrannos tão servil;

Mas em premio do invento inda ferás,  
 Da Intendencia do Inferno hum agoazil,  
 Ou das furias, e Latvas Capatas.

*O soffrimento do Segredo.*

## S O N E T O.

Em Cârcere medonho aferrolhado,  
 Qual impio delator, duro assassino,  
 Sem mais socorro ter, do que o Divino  
 Unico amparo para hum desgraçado:

Vedado aos homens, ao prazer roubado,  
 Entregue á dor, á magoa, ao desatino,  
 A que pôde levallo impio destino,  
 Cujas redeas governa iniquo fado:

Soffrer callado o Carcereiro astuto;  
 Se as portas se abrem, ter prazer, ou medo;  
 Beber, e respirar hum ar corrupto:

Esperar o Juiz, ou tarde, ou cedo,  
 Viver em cova, como vive o bruto,  
 Eis quanto sofre hum prezo n'hum Segredo;

*A. desesperação.*

## S O N E T O.

Larvas, Gorgonas, fúrias do Cocyto,  
 Sombras errantes, spectros descarnados,  
 Em chusma vos juntai ouvi meus brados,  
 A meus rogos cedei, vinde a meu grito:

Entrai no calabouço d'hum afficto,  
 Onde gasta os seus dias malfadados,  
 E vede se lá vais aos desgraçados,  
 Tão horrido lugar ao seu delicto:

Se hum da fome, e da sede não se exime,  
 Se o outro gira a huma roda atado,  
 E ainda a outro enorme pedra oprime;

Cad' hum purga o delícto perpetrado;  
 Mas eu que nem dormindo sonhei crime,  
 Porque, porque serei tão desgraçado?

No dia em que a mulher de Aschan (que  
acabava preza) completava 19 annos.

## SONETO.

Minha cara metade, Esposa amante,  
Digna de melhor bem, de melhor sorte!  
Como poderá ser que o teu Consorte,  
Gemendo em ferros os teus annos caixe?

Tremulo, attenuado, vacilante,  
O pescoço inclinando ao duro corte,  
Da força, ou fado, que ao desterro, à morte..  
Leva o Esposo teu, no amor constante:

Na flor dos annos teus, destino iroso,  
Se ha Destino, meu bem, com força bruta,  
Dos teus braços arranca o amante Esposo!

Forém hum Vate, que o futuro escura,  
Prevê, que iuda virá tempo ditoso, (1)  
Que te veja o Marido a face enxugada

(1) Chegou este tempo tão desejado com  
a liberdade Nacional.

No dia 28 de Junho de 1818, dia em que a filha do Author completava dous annos.

## S O N E T O.

Qual flor à quem viçosa Primavera,  
 Abafa ainda em verso melindroso,  
 Que vai rompendo o calice mimoso,  
 Que vai surgindo a ver a azul Esfera;

A quem Favonio brando considera,  
 Mais hum thesouro à seu amor ancioso,  
 Que em torno della sempre cuidadoso,  
 A defende do Sol, e a rífrigera:

Assim crescendo vais linda criança,  
 Delicado botão d'amor jucundo  
 Sendo do Pai, e Mãi doce esperança:

Se da teima ceder fado traoundo,  
 Se a tempestade succeder bonança;  
 Hasde à sombra do Pai brilhar no Mundo.

*A vida campestre.*

## S O N E T O,

Venturoso Pastor, que em relva amena  
 Dás tento pasto ao innocent gado,  
 Do teu fiel rafeiro acompanhado,  
 Tirando doce som da doce avéa :

Quanto, quanto és feliz, desgoste, ou pena !  
 Não vão manchar o teu dito so estado ;  
 Do Cortezão não vez postigo agrado,  
 Nem o ar da Cidade te envenena :

Sustentas-te do leite, e o companheiro,  
 Dormes a sonno solto, e o teu rebanho  
 Descança na vigilia do rafeiro :

Vestes da Lã que tece o tosco amanho,  
 Ignoras o que vai no mundo intelecto,  
 Oh ! quem gozar podera hum bem tamanzo.

*Ao corte de huma flor.* (1)

## S O N E T O.

Nize, Nize suspehde a mão formosa,  
 Mão que feite não foi para homicida,  
 Se c' hum sorriso teu podes dar Vida,  
 Para que has de titillia a flor imposta?

Não cortes não... mas ai que à linda rosa  
 Já do germen viçoso he dividida;  
 Assim como és comigo desabrida,  
 Quizeste com a flor ser rigorosa:

Que exemplo tu me dás no que fizeste!  
 Da flor trataste; mas com esse corte,  
 Todo o seu beneficio desfizeste:

Eu espero cruel a mesma sorte,  
 A meu ardente amor principio deste  
 Has de, Nize cruel, levá-lo á morte.

(1) Acção observada de hum dos Segredos.

*Feito estando o Author prezado aborão da Não  
Príncipe do Brazil, e dedicado ao Nasci-  
mento da Princeza do Portugal, Brazil,  
e Algarves, em 1819.*

### SONETO.

Rompe-se o véo azul, que encobre o dia;  
E sai pelo rasgão risonha Aurora,  
Febo a poa ella os Orisontes cora,  
Das agoas manças, o vapor desvia;

Entranhada na selva a mais sombria  
Filoméla, o seu mal, ou canta, ou chora;  
Zefiro brando beija os dons de Flora,  
Ceva os desejos, em que ha muito ardia.

Brinção as Nymphas sobre as limpas agoas,  
Lindas Napeias com festões se enfeitão,  
Nutrem os Faunos amoresas fragoas;

Alegres parabens, se dão, se aceitão,  
Tudo contente está; só minhas magoas.  
Triste de mim! nem meu Natal respeitão.

*Alham Gato que' visitava o Ausber em busca  
dos seus segredos.*

## S O N E T O.

Bruto feliz, a quem a humana raça  
Chama fera, sem ter algum motivo,  
Mais feroz foras tu, e mais esquivo,  
Se tiveras razão, funesta graça!

Do homem, que a cultiva, he sempre escaça,  
A visita ao lugar aonde vivo;  
Porém tu, que a não tens, mais compassivo  
Queres acompanhar minha desgraça:

Ah! não me deixes só neste tormento;  
Sê por piedade a minha companhia,  
Dividirei contigo o meu sustento:

Mas não; deixa me só nesta agonia;  
Foje... foje de mim, deste apozento...  
Dos homens fuge... escapa à tyrannia.

*Remettendo à Excellentissima Senhora D.  
Eugenia de Noronha, hum Requerimento  
do Author para o Rio de Janeiro.*

## S O N E T O.

O' tu Eugenia, ó tu , cuja piedade  
He em todo o Universo tão notoria,  
Que fazes consistir a tua Glória  
Em rir, ou em chorar co' a humanidade :

Quebra os ferros crucis , com que a maldade  
Me agrilhoa, e esta obra meritoria  
Dará mais luz , mais brilho á tua historia,  
O teu nome levando á Eternidade :

Salva , salva , Senhora , hum desgraçado ,  
Que dos malles no pelago flutua ,  
E que sem crime geme agrilhoado :

Sê remedio do mal , que me atenua ;  
Liberdade me dá; vence o meu fado ;  
Não cedas a ninguem, seja a acção tua.

*A El Rei o Senhor D. João VI., janto a  
bun requerimento.*

## S O N E T O.

A ti sabio João maior que Augusto,  
 Que d'hum ao outro Polo o Mundo abraças,  
 Que os teus Vassallos com ternura enlaças,  
 Que a paz lhe das de teu soccero a custo:

A ti que és terno, generoso, e justo,  
 Que enches o povo teu de immeças Graças;  
 Vou dirigir, Senhor, mishas desgraças  
 Forjadas por traição do fado injusto:

Por crime, que jámais foi perpetrado,  
 Por palavra, por obra, ou pensamento,  
 Fui prezô, estou banido, e enxovalhado:

He desgraça, não he merecimento,  
 Que me condêmina a ser expatriado,  
 Valha-me, Alto Señor, teu valimento.

improvizado no 1.º de Janeiro de 1819, dia  
em que saí para o meu degredo.

## S O N E T O.

Adeos, Espóia, adeos, que hás tu inocente  
Irás longe de ti perder a vida,  
Sentença injusta, perfida, astrevida,  
Assim o manda, e a Patria tho consente! .

A minha Patria', que me viu contente  
Ajudar-lhe a curar vedha ferida! ..  
Eis com que premio agora me convida! ..  
Cruel destino! .. ó despotismo ingente!

Mas se o que tudo sabe, hoje permitte  
Que a triste Lisia gema aferrolhada,  
Nem sempre ha de negar-se ao seu convite;

Se hoje suspira, e chbra agrilhada! ..  
Tão bem o despotismo tem limite;  
Eu morrei; mas tu serás viagada.

*Feito quando o Author foi para Monte Video  
cumprir o Decreto de 9 de Abril de 1819.*

## SONETO.

De meus malles a rapida corrente  
Inda não acabou, tuçaro fado  
Dá roda ao movimento accellerado  
Sopra cada vez mais, mais insolente:

Depois de insultos mil, e da demente.  
Sentença, que me tem enxovalhado,  
Reftava ainda vêr-me separado  
Dos Amigos da Patria, oh! dôr vehemente:

Deixei Filha, e Mulher, Pais, e Parentes  
Alguns bens, que á lisonja inda escapatão  
Expostos, á rapina de indolentes:

Sem provas, por Traidor me condennarão!  
Mas ó da Lisia Heróes, julgai prudentes,  
Se ó sou eu, se os vís que me julgarão?

*Feita em Monte Video, e impresso no Astre.*  
N. 217.

## S O N E T O.

*Dulce es decorum est pro Patri mori;*  
Hor.

De nada serve ás victimas honradas  
Tanto pranto de Lisia agradecida ;  
Huma Tragedia não as trás á vida ,  
Nem horas funeraes as dão vingadas :

Não se pertende ver ensanguentadas  
As mãos de algum verdugo juricida ;  
Nem no campo dos Martyres erguida  
Nova força , ou cabeças decepadas :

Puras idéas , nobre sentimento ,  
Inspira , e nutre , a doce liberdade ,  
Que desfez o poder sanguicedento :

Não , não se imite a furia da maldade ;  
Mas levante-se em Lisia hum monumento ;  
Passeiem seus nomes á futura idade.

*Em 18 de Outubro de 1821, aniversario das  
terribelis fogueiras do Campo de Santa Anna.*

### SONETO.

Eis o dia infeliz em q' á desdita  
 Unio a infamia, o despotismo onfado !  
 Dia de horror ás furias consagrado,  
 De luto, e dôr, que o nosso pranto excita :

Eis huma sombra, que outra sombra irrita !  
 Eis acolá o Campo ensanguentado !  
 Eis a fogueira !!... e o Téjo horrorizado !  
 Eis Lisiainda chorosa, que assim grita :

*Juntas algumas cinzas desparsadas  
 Das Víctimas que á Patria se voltarão  
 Por tráfico, e por odio assassinadas !*

*Dai-lhe as honras, que então se lhe negarão ;  
 E, em triste Mausoleo depositadas,  
 Fação tremer os vis, que as condennarão.*

## O D E (I).

**Eu inocente**

**Gemeado em ferros!**

**Qual he meu crime?**

**Quaes são meus erros?**

**Negra calumnia!**

**Monstro infernal,**

**Que me cravaste**

**Ferroo punhal.**

**De Viriato**

**Me lembra a sorte,**

**A quem perfidia**

**Deu impia morte:**

(I) Esta Ode, que dá huma idéa da minha vida Militar, ficou escrita (assim como muitos dos antecedentes Sônetos) nas paredes de hum dos Segredos do Castello, com os pés de ginjas, e tinta das botas.

**Como elle sirvo  
A Pátria honrado;  
Como elle soffro,  
Tyranno fado!**

**Se elle debella  
Impios Romanos;  
Eu intimidido  
Gallos tyranos.**

**Ergo em Lamego  
Prisca Cidade  
A voz primeira  
Da Liberdade.**

**A's Armas corro,  
E em marcia lida;  
Entre paizanos  
Exponho a vida.**

**A's Muzas peço  
Alto favor;  
Versos entôo  
Que dão valor.**

Affim servi

A Patria, o Estado;  
Deixo o tumulto,  
Vou ser Soldado.

Já nas filleiras  
Sou voluntario;  
Não me intimida  
Scoadrão contrario.

Lisia atraveço  
Entro em Galiza;  
He *Gloria*, ou morte  
Minha diviza.

Regi na Hespanha  
Gáz fulminante;  
Entro em Lisboa  
Já triunfante.

Destas fadigas  
Premios não peço;  
Fiz meu dever  
Nada careço.

Mas Patria ingrata,  
Senão premeias;  
Porque me rasgas  
Cançadas veias.

Ah! não espalhes  
Sangue tão puro;  
De quem jámais  
Te fui prejuro.

*No dia da occasião com Cabral.*

## O D E

Para traçar-te ó cara Companheira,  
 O Quadro triste da existencia minha,  
 Nem cores acha, nem pinceis aprompta  
 O Estro mais intrepido.

Pois para se pintar, tal qual existo  
 Envolvido nos malles, precisará  
 Do Inferno as cores, e o pincel seria  
 O facho das Eumenides.

Mas a teus olhos vou levar ó cara  
 Signaes apenas, da existencia minha,  
 Prepara o coração ao golpe, e chora  
 O meu destino horrido.

Pinta na tua idéa o Esposo triste  
 Roubado ao coração da Espousa amante,  
 Roubado á filha... ao prazer roubado,  
 Da família solida.

Vér romper a manhã , fechar-se a noite ,  
 Vér a noite fugir , voltar o dia  
 Entre ferros chamado delinquente ,  
 De delícto atrocíssimo ...

Ver d'hum lado o Juiz , ver do outro lado ,  
 Feroz monstro infernal parto das fúrias ,  
 Vombrando trações , calunias mortes  
 Sobre a inocência candida !

Voltar ab meu segredo , ao meu Inferno ;  
 Ver-me cada vez mais desesperado ;  
 De voltar a gozar da liberdade  
 Frustrante , o paixão !

Não poderá passar Hum só momento ,  
 Hum só momento não estará passado ;  
 Querer ; e hád querer . .. em não entendo  
 Minhas , más perdidias .

Ouvir abrir à porta a pálida Huia ,  
 Guarda , que me condaz triste affimento ,  
 Que fôra em outra parte sabotado ;  
 Mas aqui me insipido .

Se vélo me delide a dór vehemente ;  
 Se durmo ( se he dormir sufrindo magos )  
 Horríveis sonhos assalteão , pungem  
 O atribulado espirito.

• Acordo , e vejo ao lado a morte horrenda  
 Cortando o fio á innocent vida . . .  
 Que era tua meu bem , que vejo entregue  
 A' vil calunia rabida.

Eis o Quadro medonho ó doce amada  
 Que te apresenta o teu amante Esposo ;  
 Eis a pintura pavorosa , e triste  
 Da minha sorte proxima.

**Em 15 de Outubro de 1821 dia em que foi  
lançada a primeira pedra para o Monu-  
mento da nossa Liberdade: no Rocio.**

### ODE SAPHICA.

Surja raivosa, de terror cercada,  
O monstro enorme denegrida inveja,  
Mordendo a cauda se evapore em pragas  
Tetrica furia.

Vomite em sangue pelas fauces torpes  
Veneno insano, da tartaria gruta;  
Aos olhos venhão, dos faroes do inferno  
Lividias chammás.

C' o as unhas curvas Empolgando as fauces  
De monstro igual, enfurecidos ambos,  
Fação gemer as cinuozas grutas  
Rabidas serpes.

As mãos estenda ao despotismo infame;

Plutão sanhudo enexoravel sempre;

Na Estancia triste onde alardeia, e reina;

Círculos forme.

No centro delles se confunda a turba

Dos vis Ministros, que mandara ao Mundo;

E a perda jurem da libreta Lisia

Putridas bocas.

Debalde accendem seu rancor eterno,

Serão sem fructo sens terriveis planos;

Debalde fôrjão rebatidos ferros

Horsidos Monstros.

O Ceo q' out'ora nos punia as culpas,

Benigno ampara os já ditos Luzos,

Da Liberdade o Edificio firmão

Solidas bases.

E a vós Heróes, que a vida Illustre expondo

A independencia Nacional firmastes,

Em recompensa vos dedica a fama

Triplice Gloria.

*Parece propria para ser gravada no dito  
Monumento a seguirse*

### O I T A V A.

Observa, pára, é ve ó caminhante  
Da Lisia Augusta, o Augusto Monumento,  
N'elle não vez algum Busto arrogante  
De Guerreiro feroz sanguinolento ;  
Nem tão pouco do Despota insultante  
Verás gravado aqui o atrevimento ;  
Mais merito lhe vez, mais dignidade,  
He testemunho á Lusa Liberdade.

Feita em 6 de Junho de 1817, e conservada na memoria só que o Author sabio do Segredo, onde esteve 109 dias.

## E P I S T O L A.

Já deze vezes tinhâ o sol rompido  
 Da noite à manto, e afogentado as sombras;  
 E eu n'hum calabouço, afestolhado  
 Debaixo de huma abobeda, que pôde  
 Ao choque resistir do raio ardente:  
 Pequeno espaço aonde ehora hum triste,  
 Seus males não: mas da Conforte os males,  
 Fechado por parede, que não cede.  
 Aos estragos do tempo devorante:  
 Rota a groça parede, eis a janéla  
 À qual guarnecem de huma parte, e d'outra  
 Groças grades de ferro que bem podem  
 Às forças resistir de hum Elefante:  
 Debaixo de oito portas ferrolhado,  
 Cujas chaves, e gonzos poderião  
 A conceira vedar ao cão do Inferno:  
 Duros vigias por costume, e medo,

Cruéis por força , a quem dever ordens,  
 Que não dem á ternura acolhimento ,  
 E cada hum delles , senão tem cem olhos ,  
 Excede na vigilia ao proprio Argoz ,  
 Exercendo do Inferno a crudelade.

Mais guardado não he do avaro o cofre ,  
 Do que he neste lugar hum desgraçado ,  
 Ou seja por delicto , ou por suspeita  
 Forjada por intriga sanguinaria .

Neste horrivel lugar , vedado ao gosto  
 De manter a razão , e liberdade ,  
 Da Filha , e da Consorte lamentava  
 A sorte , que lhe dava involuntario .

Meia casreira tinha a noite andado ,  
 E eu longe do repouso inda nutria  
 Do triste coração a dor vehemente ,  
 E para aliviallo aos olhos dava  
 Lugar , para correr amargo pranto :  
 Eis falta o coração au som terrivel  
 Das chaves , que os ferrothos defandavão ;  
 Abre a ultima porta o Carceteiro ,

E me diz defabrido : *ande comigo*  
*Que de entre ferros , vai para entre ferros;*

Qual victimá que vai ao sacrificio ,  
Assim eu vou seguido o feroz guia ,  
Que me entrega a quem cumpre ordem testivel ,  
Por mais que peça ao duro Carcereiro ,  
Que me deixe levar a pobre cama ,  
Onde posso encostar magoado o corpo :  
São baldadas as supplicas , as preces ;  
São baldados os rogos , me responde  
Hoje por mais que peça e não alrangea .  
Resposta propria de quem tem forrado ,  
O duro coração de ferro , ou bronze :  
Ouvi fechar as portas do Castello ,  
E vi abrir do Limoeiro as portas ;  
Entrei , e logo sou entregue a hum guarda  
Mais humano que os outros , pois parece ,  
Querer chorar comigo a minha sorte :  
De escaça luz pegou , pegou das chaves ,  
E foi abrindo não sei quantas portas ;  
Huma caverna abriu , deci ; abre outra ,  
Eu tornei a decer , abre outra porta ,  
Mandou-me entrar , entrei , e dia-me : *be este*

O terrível Júger qual lhe destinão;  
 Nada posso fazer que util-lhe seja,  
 Mais que emprestar-lhe onde o corpo encoste,  
 Aceitei-lhe o favor, e agradeci-lhe  
 Com palavras à terna caridade.

Aqui me aferrouhom, sem luz, sem agor  
 Sem mais socorro algum, sem ti Conforto;  
 Fico peor, que aquelle, que nascera,  
 E nunca viu do mundo as maravilhas.

Com vezes me levanto, e outras tantas  
 Cuidando que as primeiras me enganarão,  
 Apalpo da parede a superficie,  
 Por ver se encontro nella alguma fresta  
 D'onde possa beber hum ar mais livre;  
 Mas são baldadas minhas esperanças,  
 Em quanto apalpo só tento as trevas!  
 Seis horas da manhã já tinhão dado,  
 E eu sem saber ainda donde estava:  
 Até que pouco a pouco entrava a custo  
 Medroza, escaça luz, roubada ao dia;  
 Se luz se chama as vibrações de Febo,  
 Que dando a outra parte aqui reflectem;

Procura d'onde a luz manda que he de lá,  
 E vejo lá no simo da parede, um canto  
 Fresta, que tem de largo hum pé quadrado;  
 Mas que soma mais de dez de comprimento  
 Por ser estreita, e longa a luz de pouca,  
 E quando chega a entrar, he já cansada.

Assim mesmo... que hostor lugelante o  
 sangue

Ao ver pela parede a lâz do Inferno!  
 Onde quanto tu d'aféroso aqui de encontro:  
 Erra-se o cabello, hum suor frio  
 Se appodera de mim; os membros tremem,  
 E sem saber se falso assim me explico,  
 Minha Filha, meu bem, minha Conforto,  
 Separadas porções d'isso: Alma viva,  
 Não posso aquiviver; minha estupidez  
 Vai pouco, a pouco entrar na sepultura:  
 Mas te não posso ver nos meus braços  
 Antes, tiefotroso andas, vantes a morte,  
 Quantas vezes, ó Alha, tada inocente  
 Tocando o peito... oh! quantas vezes quantas  
 Tu me dirás meu pai, e involuntaria

Quatro tantos punhaes lhé cravas n'alma...  
 E então terás , em vez de leite pranto!...  
 Ai minha filha , ai minha Esposa , agora  
 Só me pôde deter celeste auxilio ,  
 Para não decidir d'humana existencia ,  
 Que sem Filha , e sem ti me he tão pezada .  
 Minhas delicias sois ... sois meus abutres ,  
 Que o triste coração me estais trincando ...  
 Quem poderia morrer ! quaes condemnados  
 Sem que possa acabar estou morrendo .

Que he isto ó Patria minha , ó Patria ingrata  
 Se algum delicto fiz a mim te volta ,  
 Armada de hum punhal , sem dó , sem pena ,  
 Embebe no seu peito o ferro , e o punho ,  
 E mostrano 'ainda nato , ainda fumando  
 Aos inimigos meus , aos teus tyranos ,  
 A' corja vil , aduladora , insana  
 Quê me opprirem , te vendem , te agrilheão ...  
 Para sem dâmno seu , te assassinarem ! ...  
 Mas ai ... no coração não entre o ferro  
 Por não ferir a Filha , ou a Consorte ...  
 Outra dor ... ai de mim ... antes ao colle

Descarrega o cutello, applica o laço ;  
 E assim paga os serviços recebidos  
 Daquelle, que por ti a vida expondo,  
 Coberto de suor, e de poeira  
 A déra satisfeiro ao vil tyranho ,  
 Que tão bem pretendia agrilhoarte ;  
 Mas peço-te hum favor por caridade ;  
 Se a palavra não te he desconhecida ,  
 Occulta o quadro triste á Esposa amante ,  
 Engana-a, diz que vivo, até que o tempo  
 Lhe ensine a supportar a minha falta :  
 Com pouco se contenta hum desgraçado ;  
 Mas quem recebe a graça , que supplica ,  
 Dos serviços que fez bem pago fica .

*Dirigida a El Rei o Senhor D. João VI.,  
com hum Requerimento, em 1818.*

### EPISTOLA.

Neste tempo quem mal cacha  
Mal jaz, e dizem que á Luz  
Por tempo a verdade sai,  
Entretanto põe na cruz  
O Justo, e o ladrão se vai.

*Só de Miranda, a El Rei D. João III;  
Carta I. Quintilhā 41.*

### I.

A vós, que sois hum Rei Justo  
Se dirige hum bom vassallo ;  
A verdade a todo o custo  
Vos direi ; em não a callo ;  
Mas não minto ó Rei Augusto.

2.

Quiz minha sorte mesquinha  
 Meter-me entre os vossos ferros ;  
 Eu só innocencia tinha ;  
 Mas accumularão-me erros,  
 • Tal he desventura minha.

3.

Sempre vassallo fiel  
 Respeitei a Vossa Lei,  
 Innocente como Abel  
 Me punirão : só hum Bei  
 Assim condemna em Argel.

4.

Sempre foi sempre bai de ser  
 Quando huma só parte falle,  
 Que outra baha de gerar ;  
 Se bem jogo a todos igualla,  
 As Leis que devem fazer ?

5.

Com rigor ; a par do zelo  
 Crime, e innocencia batlhão,  
 Com affiado cutello  
 Virtude, e crime retalhão ;  
 Bom, e máo tem igual sello.

D

6.

Ah ! Senhor, olhos piedosos  
 Volvei a hum desgraçado ;  
 A quem fados rigorosos  
 Mandão viver desterrado ,  
 Ao lado de criminosos.

7.

Impio traidor sou chamado !  
 Inconfidente ! Senhor ,  
 Sempre fui vassallo honrado ;  
 E provas do justo amer  
 Dei, no trabalho passado.

8.

Quando a vossa Fattia o Rei  
 Hum tyranno aguilheava ;  
 Com elle hum passo não dei ,  
 Para si me considerava ,  
 Seu serviço regeitei.

9.

Muitos ha que o aceitarão  
 Outros ha que se offrecerão ,  
 Depois as armas voltarão  
 Contra a Patria, onde nascem ,  
 E no seu sangue as molharão !

50.

Afrancezados sete conto

Tão bem nas Beças houverão,

( Os fieis eu não affronto)

Hum estranho Rei quizerão!

Por decencia os não aponto.

51.

Muitos destes cata ventos,

Que recatado não digo,

Andão hoje muito attentos;

E se entraisse outro inimigo

Vélos-hiamos aos céntos.

52.

Mas em fim com melhor sorte

Depois de tanto destroço,

De terror, de sangue, e morte;

Pende-lhe habito ao pescoço

Em lugar de laço, ou corte.

53.

Eu logo que se tratou

Da feliz Restauração,

Senhor, o primeiro sou,

Que, com a espada na mão,

Encontrar o corço vou.

D 2

14.

Em Lamego então passava  
 O mais cruel inimigo,  
 Quem a todos medo causava :  
 Chamo o Povo, o Povo sigo  
 Que em armas todo pegava.

15.

Entre o Povo amotinado  
 Expuz mil vezes a vida ;  
 Depois como bom Soldado,  
 De Marte na dura lida  
 Util fui ao Vosso Estado.

16.

Em fim, Senhor quanto pude  
 Tudo dei á Patria minha,  
 Terrivel trabalho, e rude  
 Só nesse tempo convinha ;  
 Eu o fiz só por virtude.

17.

Não foram encarecidos  
 Os serviços que então fiz ;  
 Não quiz premios merecidos ;  
 Mas eu sei quem foi feliz  
 Só com serviços fingidos.

18.

Premios não quer , nem apura ,  
 Vassallo desint'ressado ,  
 O seu premio he a ventura  
 De bem servir o Estado ,  
 Deste o achar , quando o procura .

19.

Os meus serviços não vão  
 Ferir os vossos ouvidos ,  
 A pedir-vos gualardão :  
 Vão innocentes gemidos  
 Sem crime pedir perdão .

20.

A tempo o bom Rei perdoa ,  
 A tempo o ferro lê mezinha ;  
 Forças , e condiçao boa ,  
 Da sua Grei montezinha ,  
 Derão ao Leão Coroa .

21.

Com valor , fadiga , e ferro  
 A Vós sómente servi :  
 Depois , sem culpa , e sem erro ,  
 Os mesmos , que defendi ,  
 Me dão injusto desterro .

22.

Ah! Senhor minha innocencia  
 A todo o Mundo he patente;  
 Ou injustiça , ou demencia  
 Apunhalo hum innocent :  
 Valha-me a vossa clemencia.

23.

Pena , e qualordão igual  
 O Mundo o direito tem ;  
 Ha huma regra geral ,  
 Que o premio se deve ao bem ,  
 E só o castigo ao mal.

24.

Eu mal , Senhor, nunca fiz ,  
 Antes fiz o bem que pude ;  
 Mas em fim o meu Juiz  
 ( Que todo o homem se illude )  
 Que eu fosse culpado quiz.

25.

Espero agora o perdão  
 Da vossa Regia clemencia ;  
 Da pena , do crime não ;  
 Que o grito da innocencia  
 Rebenta em meu coração.

26.

*Vidas, e honras guardaes  
Debaixo do vosso amparo ;  
Do estrambos, e naturaes,  
Que gemem, não muito claro ;  
Mas em fim não pôdem mais.*

27:

*Eu tâobem, Senhor, malhados  
Quizera dar, mas não posso :  
Tenho os orgãos suffocados ;  
Até que, com perdão vello  
Veja meus ferros quebrados.*

28.

*He retracto a Magestade  
D'esse Deos de summa Alteza :  
Imite-o vossa piedade :  
O crime be da natureza ,  
O perdão da Divindade.*

*A' Excellentissima Senhora D. Eugenia de Noronha, remetendo hum requerimento do - A - para o Rio de Janeiro.*

### EPISTOLA.

.... Logo que em terra cahimos  
 Do chorar nos ajudamos ;  
 Soccorro , e ajuda pedimos ;  
 Nós sós para que prestamos ?  
*Só de Miranda. Egologa 6. Decim. 54.*

I.  
 A Não da vida , Senhora ,  
 Onde todos embarcamos ,  
 Que he terrivel conductora  
 Do fim a que todos vamos :

2.

Que em mar horrivel navega  
 De procellosas paixões ,  
 Que vagando não soccega ,  
 Nem nas finaes convulções .

3.

Tem por leme o apetite

Altos desejos por vêlas;

Tem por flamula o convite,

Quasi sempre a bagatellas.

4.

A'quella maneja a forte,

Ou dadivosa, ou escaça;

Sopra a estas, fraca, ou forte

Aventura, ou a desgraça.

5.

P'ra mim a ultima furia

Soprou : cahi n'hum tormento;

Luto em sim no mar da injuria;

Mas já me falta o aleato.

6.

Vaga de sangue me somme,

Entre as nuvens da impostura,

Monstro, que não ha quem dóme

Com armas da razão pura.

7.

Que a innocencia apunhalla,

E que a virtude atropella,

Que feia mentira igualla

A verdade mais singella.

8.

Que me trás na tempestade  
 Do crime o mais horroso ;  
 Que apaga a luz da verdade ,  
 E me singe criminoso .

9.

Eis outra vaga que leva  
 Aos cachopos da injustiça ,  
 Que em mim e seu radio seiva ,  
 A quem o Inferno atiça .

10.

Oh ! cá vejo o bojo enorme  
 D'hum assassino terrível ...  
 Eis o punhal , que não dorme ! ..  
 Já salvar-me he impossivel .

11.

Impossivel ... que vergonha ,  
 Já não sei que o Céo vigia ?  
 Se a tabos me dá Noronha ,  
 Já não temo a tyrania .

12.

Sim Noronha eu cá me apego ,  
 Bem que debil não já tenha ,  
 Mas , se após de ti navego ,  
 Que importa que o raiô venha ?

13.

Todos os dragões do Inferno  
 Com pena , ou raio conjuro ;  
 O teu poder he Superno ,  
 Heide ir a porto seguro .

14.

Monstros , que o sangue bebeis ;  
 Da opressa humanidade ;  
 Já vacillaes , já tremeis !  
 Já surge á luz a verdade !

15.

Rogi preversos , tremei .  
 A vista da Protectora ;  
 Hum apoio firmeachei ;  
 A minha forte melhora .

16.

Mas , Sehora , agrilheado  
 Inda gemic hum innocent ;  
 Inda sofro o choque ousado  
 Do despostimo potente !

17.

Inda mão que eu bem conheço  
 Os meus dias enxovalha ;  
 Com punhal , que não mereço  
 O coração me retalha .

18.

O vosso exforço he preciso,  
 A combater o inimigo;  
 P'ra volver do pranto ao rizo  
 A' vossa sombra me abrigo.

19.

Eia pois , Senhora, o braço ,  
 Que o Ceo arna em meu favor ;  
 A quem dá desembaraço ,  
 Scienzia , virtude , e amor.

20.

O amor da humanidade ,  
 Que já do mundo fugia ;  
 Que deixava a crueldade .  
 Livre, na sua ousadia.

21.

O braço , Senhora , agora  
 Estendei a hum desgraçado ;  
 Não deveis perder , hum' hora ,  
 P'ra q' eu melhore de Estado.

22.

He tempo , tu me soccorre ,  
 Pois a occasião perdida ;  
 He como o Ente que morre ,  
 Que nunca mais torna á vida.

23.

Evita-me a dura forte  
 Dir viver além dos mares ;  
 De deixar filha, e conforto ,  
 De morrer em outros lates.

24.

Faze que na Patria viva ,  
 Quem nunca a Patria offendeo ;  
 Estende a mão compassiva ,  
 Que não soccorres hum Réo.

25.

Soccorres hum desvalido ,  
 Innocente , condemnado ;  
 Que jámais seguió partido  
 Que fosse contra o Estado.

26.

Hum vassallo , que observou  
 Sempre á risca o Patria Lei ,  
 E que attento respeitou ,  
 O Povo , a Nobreza , o Rei ,

27.

Que á Patria o repouso deo  
 Quando a Patria o precizava ;  
 E quanto pôde off'receo  
 Contra o Corço , que a pizava.

28.

Aos mesmos que com fereza  
 Me tem a honra offendida ;  
 Com valentia , e destreza  
 Defendi os bens , e a vida.

29.

Eis os meus crimes , meus erros ,  
 Que premios dos meus trabalhos !  
 Masmoras , Segredos , Ferros  
 Injusticas , enxovalhos.

30.

A honra em premios não pensa ,  
 Nem os tenho , nem os quero ;  
 Mas he digna a recompensa  
 De hum Dionysio , de hum Nero.

31.

Minha recompensa agora  
 He só hum justo perdão ;  
 Hasde alcançalo , Senhora  
 Da pena , do crime não.

A mesma Senhora, remetendo entre regos  
sílvestres do -- A --

### EPISTOLA.

Senhora, a quem virtude adorna, embaixo  
A serie das acções resplandecentes  
De cujo coração sensível, ternio  
Sahe a bem dos mortaes beneficencia;  
Ternura, amor, piedade a ti couberão,  
Da partilha, que fez o Céo na terra,  
Que exerceitas a bem da humanidade.

Alma instruída, ao bem fazer só dada,  
A quem vedou sciencia hypocrisia;  
Livre dos prejuízos artaigados,  
Por nofso mal, no seculo corrupto.

Cansado de buscas hum firme escócio,  
Que podesse amparar hum desgraçado,  
Que vive, se he viver, gemendo em ferros;

Que apenas solto do materno seio,  
 Furia imprevista lhe cuspio no berço,  
 Raivosa inveja , esvoaçando em torno  
 Da vítima infeliz ,inda inocente ,  
 As garras lhe empolgou , foi sua a preza ,  
 A ti se dirigio , e em ti sómente  
 Amparo achou , quem já não tinha amparo ;  
 Quem deixado ao vaivém da sorte adversa  
 Era esquecido ao resto do Universo .

No pelago dos males horrores ,  
 Que mestira soprou , nutrio calunnia ,  
 Lutava contra as vagas sanguinarias ,  
 Que o peito nos cachopos me rasgarão ,  
 E , se á goba lançava a mão tremente ,  
 Novo sulco a forvia , e nova feria  
 Se punha á salvação , que proferava ;  
 Já prompto a sucumbir ao peze enorme  
 Da Desgraça fatal , que me opprimia ,  
 No meio dos tufoes fazilha hum raio ,  
 Que o porto me mostrou , e a ti me guia ,  
 Eis a primeira scena , que a ventura  
 No Theatro dos males me apresenta .

Minha sorte vacilla, o fado trême,  
 E as furias infernaes que me cercavão,  
 Teu nome ouvindo espavoridas fojem.

E quem oh ! Alma grande, oh ! simo Deus ?  
 A tu não seres me riscara o nome  
 Do livro, que a desgraça imprime, e assigna ?  
 Quem desfizera o sello, que os tyranno's  
 Gravarão sobre a candida innocencia ?  
 Que Atléta lutara braço a braço  
 C' o agigantesca furia; que me ataca ?  
 Que a perda me jurou, e á prole minha f.  
 Quem n'hum tempo tão máo que o inferno imita  
 Nos tormentos, nos malles, que executio,  
 Homens preversos, que a lisonja nutrem,  
 Egoistas, crueis, adulladores,  
 Fanaticos, hypocritas, que fazem,  
 Mal por costume por int'resse proprio ? (1)

Quem, senão fosses tu, socorro deus  
 A quem se nega com rigor cruento  
 Ternura, compaixão, amor, piedade ?

---

(1) A Commenda de Gomes Freire, foi dada ao filho de Antonio Gomes Ribeiro seu Juiz,

Tu só, só tu, ó generosa, ó tezida.  
 Me estendestes a mão, e á luz me tornas;  
 A' Esposa amante dás o amante Esposo,  
 Hum meigo Pai á innocenté Filha,  
 Aos Pais caçados já, hum filho activo,  
 No Irmão, a cinco Irmãs hum firme esteio,  
 A' Patria hum Cidadão, e ao Throno Augusta  
 Hum Vassallo fiel, prestante amigo;  
 Na minha salvação seis homens salvavam.

Que accão! que accão tão grande oh! quem  
 tivera  
 Só para eternizalha o engenho, a arte,  
 Que teve Homero, ou que Virgilio teve!  
 Mas se eu não posso eternizar teu nome,  
 Outro vitá que meus desejos visgue,  
 Em mim, nos meus, e em todos os que amparas  
 Terás na gratidão a recompensa,  
 Nem tal grandeza em outro premio penfa.

No degrado do Author em Monte Video  
dirigida ao Ilustríssimo, e Excelentíssimo  
Tenente General Carlos Federico Lecor; com bruto requerimento;

## EPISTOLA:

Attende-me, Senhor, escuta os males,  
Que lacerao minha alma entorpecida,  
Que ja sem fogo em spathia vaga  
No mar immenso de horrida desgraça.  
Sem Piloto, sem leme, e vela, e vento,  
A' dispersão dos vagas sanguinarias,  
Sopradas por mentira, e vil, intriga,  
Por calunia fatal, por odio eterno,  
Sem que ache a salvação nem veja o Porto,  
No meio dos tufoes desmaia, e motre.

Pela doçura, que te anima o resto  
Escuta-me, Senhor, attende aos males,  
Que lacerao minha alma entorpecida.

E 2

Víctima triste, martyr de injustiças;  
 Sem apoio, Patrono, ou luz, ou guia,  
 Reo alcuñhado de horroroso crime  
 Que nem permite natural defensa!  
 Jogo infeliz dos vomitos do inferno  
 Metido fui encarcere secreto,  
 Sem luz, sem agoa estreito, immundo, escuro;  
 No qual permaneci por luas quatro,  
 Sem que visse huma vez seus resplandores:  
 Vedado á luz, aos homens, á conforto,  
 A Filha, aos Pais, Irmãos ao mundo inteiro,  
 E sem que me escutasse arbitrio injusto  
 Sentença proferio, sem lei, sem prova.

Conjure pelos Ceos tua piedade,  
 Tens talento, virtude, estima, e aura;  
 Escuta-me, Senhor, attende aos malles,  
 Que lacerão minh' alma entorpecida.

A Sentença fatal, se segue... ai triste  
 Separação... Família desgraçada!  
 Ficas exposta aos malles da indigéncias,  
 Sem varonil apoio a defender-te  
 Das ciladas do seculo corrupto;

Eis-me em lenho veloz rompendo as ondas,  
 Por cima do Equador, nutrindo a mente  
 Nos malles meus na sorte desastroza,  
 Que meu tuçaro fado urdio raivoso ;

E querendo traçar o quadro horrivel,  
 Do tormento fatal, que lasca, e puage  
 Meu docil coração, minh' alma afflita,  
 Da desordem o campo achei propicio ;  
 A cor do inferno assombraria o quadro ;  
 E o facho das humenides terriveis  
 Era o proprio pincel... sinistra escalla  
 Sirviria a medir distancia immeua ! ...  
 Mai ai, Senhor, quem poderá pintallo,  
 Se o pranto amargo desvanece as tintas !  
 Em nome da Justiça, que me assista,  
 Da honra, que te illustra, esmalta, e orna  
 Escuta-me, Seahor, attende aos malles  
 Que lacerão minh' alma enterpecida.

Felizmente cheguei onde a ventura  
 Pela primeira vez erige hum Throno ;  
 Ao mesmo dirigi em pranto amargo  
 Envolvidas as supplicas, as preces ;

Mas como fada a desgraça me impõe,  
Lança terrível voo sobre a verdade,  
Pois quasi sempre aos Reis se oculta, ou pinta  
Com cores emprestadas à virtude.

Dos Monarchas, que a historia nos nomia,  
He o Sexto Jeso o melhor dellès,  
Tem docil coração, he pio, he justo,  
Testemunho nos seja a docil Graça.  
De Olinda aos habitantes concedida:  
Se gema a innocencia agrilhoadas,  
Não vem sua oppreção do proprio Throno;  
São homens seus Ministros, e por isto  
Capazes de virtudes, e de crimes:  
O meu existe só na mente d'elles!...  
Ah! crède-me, Senhor, assim não falta  
O que não tem por titulo a innocencia;  
O pezo do delicto a lingua prende,  
E trás ao rosto effeitos do remorso:  
Criminoso não sou, sou desgraçado;  
He a piedade dos Heróes o esmalte:  
Escuta-me, Senhor, attendo aos malles,  
Que lacerão minh' alma entorpecida.

Quiz o meu fada menos rigoroso  
 Fazer menos pezado o meu degredo,  
 E em vez d'ir espirar saudoso, e soisso  
 Louge da Patria ausente da familia  
 Nos arides sertões d'Africa adusta;  
 Vim receber, Senhor, os teus mandados  
 Às ordens de hum Heróe do novo mundo,  
 Que tem por timbre entre as áoçções guerreiras  
 O amor da humanidade, e bem dos povos,  
 Que dazejando com valor e espada  
 Desenvolve a politica mais fine,  
 Que pôde unir hum General nos planos,  
 Que eragara huma vez, e se desenvolve  
 A bem da Iua Patria, e Glorie sua,  
 Em honra da Nação do Throne Augusto,  
 Que interrada huma vez desla verdade  
 Não deixará sem premio o seu esforço:  
 Não he, Senhor, a mão da dependencia,  
 Que grava os caracteres da verdade:  
 Sou ingenuo, Senhor, e o Mundo inteiro  
 Fará justiça a teus brilhantes feitos:  
 Entre os Lusos Heróes terás hum Busto,  
 Entre os Homens Illustres serás posto,  
 E teu nome nos séculos futuros

Ilustrará as páginas da historia :

Que acção mais digna de hum renome eterno,  
 Que aquella a qual já deste hum sim gloria!  
 Guiar os homens ao dever sagrado  
 De respeitar as leis da sociedade:  
 Vener guerreiros sem verter-lhe o sangue,  
 He fazer mais que sugeitar o Mundo.  
 Na frente dos Soldados Macedonios!  
 Não sejas só piedoso c' os estranhos,  
 Pertence-me a nobreza tua ternura,  
 Baste-me a forte desastrosa, e triste,  
 Que ha tres annos, Senhor, me gasta os dias,  
 Dias de pranto ás furias consagrados,  
 Que só devião ser da Prole minha;  
 Escuta-me, Senhor, attende aos malles,  
 Que lacerão minh' alma entorpecida.

## LEITOR.

Todos sabem a fatal consternação, que oprimio Lishoa no terrivel dia 18 de Outubro de 1817, dia que só tirando da cadeia dos tempos levaria consigo o ferrête lançado sobre a minha Pezria, pelo estranho refinamento, com que a crueldade se esforçou a ligar a infamia á desgraça.

Eu pois tendo sido victima desse Despotismo inaudito, acha-me com a coragem, mais que ordinaria, para ser accusador dos *Ministros*, que firmarão a Sentença a mais exacravel, que se tem proferido desde o principio das sociedades! com tudo, a presente Memoria, respeita a decencia, narrando apenas o tyranno modo com que fui tratado, e as sabidas causas, que derão lu-

gar aquella catastrofe ; estas causas pesavão sobre a Nação em geral , e ha esta mesma Nação, que defendendo os direitos daquelles infelizes , torna em seu interesse , aquelle objecto particular ; reservando-lhe huma perpetua *Gloria* quando não tenhão outra recompensa. Eu já goso de parte desta *Gloria*, pela opinião publica : fallo á face de todo o Portugal; excluo , porém, aquela parte da Magistratura , que se interessou por sua propria conveniencia , e se interessa ainda, com incarniçamento , para sustentar seus votos contra aquelles desgraçados, os quaes espero ver restituidos á sua boa fama , e suas miseraveis Viuvas remuneradas de tantas perdas anullando-se aquella infame Sentença por Ministros mais dignos de administrarem as Leis ; eu assim o espero , e comigo todos os bons Portuguezes.

Memoria que o Author mandou unif.  
aps Autos, que produzirão a infame,  
e vergonhosa Sentença ex-  
cutada em 18 de Outubro de  
1817.

Illustríssimos Senhores Juizes Relax-  
apt, e mais Adjuntos.

*Dans la distribution de la justice ; tous les citoyens doivent être égaux pour lui ; le bon droit du plus vil des hommes doit l'emporter sur le crédit du premier Seigneur, qui aura tort.*

Instet. polit de Bielf. pag 147. do I. v.

Com o respeito devido a tão bene-  
meritos ; e sabios Ministros , Antonio

Pinto da Fonseca Neves, leva á attenção de Vossas Senhorias as causas, que motivarão a sua infame Sentença, pronunciada arbitrarria, e tyrannamente no Juizo da Inconfidencia em 15 de Outubro de 1817: Epoca em que a verdade dita occultamente, se tornava hum crime de moeda falça, e publicada, tomava a fórmula do de *alta irnição lez a Magestade de primeira Cabeça!*

Eu não citarei as muitas Leis, que existião naquelle mesmo tempo, contrarias aos votos daquellos Ministros (1) quando encabeçarão huma acção benemerita (como a de quererem aquellas infelizes victimas consumidas nas fogueiras infernaes do Campo de Santa Anna, remediar os malles da sua Patria) em crime de alta traição! Essa vergo-

(1) Por nossa desgraça, e do Systema Constitucional, esses Ministros achão-se nos mesmos lugares, em que estavão, quando assignáraõ as mortes d'esse Apostolados !!

nhosa sentença (segundo a opinião pública, que he a Rainha do mundo) lançou huma nodoa na Nação Portugueza, que só pôde ser lavada por Ministros de hum Governo liberal, tal como hoje existe; citar eu essas Leis seria mais insulto, que Memoria das referidas causas; e seria irrizorio que hum Militar as lembrasse aos conhcedores dellas.

Já, graças ao Ceo, não he crime de leza Magestade lembrar, e punir o Cidadão pelos seus direitos: já, graças ao Ceo, se não sommam em asqueirosos segredos, como revolucionarios os homens, que pensão guiados pelo facho da razão: já graças ao Ceo, tenho de obedecer, e todos os Portuguezes, a hum Governo justo, que nós concedem huma liberdade bem entendida, e justa: esta pois me assegura de não tornar a ler em Sentenças, que passem em julgado = expressões sacrilegas, e

insidiadas na maior parte contra o Ministro General!!! (2) e me impõem o dever de dizer a Vossas Senhorias a verdade, pela parte, que me toca, de tudo quanto souber a tal respeito, para ser indemnizado das incalculáveis perdas, que tive, resultado daquelle atrôz Sessença.

Ninguem ignora o ataque feito à honra, ás vidas, e fazendas dos Cidadãos, depois que o Despotismo tomou ascendência sobre as Leis, fazendo hum crime do uso da liberdade, e direito natural : o periodo sanguinário desde 1808 até o felicissimo vinte, e quatorze de Agosto de 1820, he um monumento funesto para a historia Portugueza : oh! Regeneradores da nossa Ilustre Patria : grazas ao vosso Patriotismo ! vos estanasteis o sangue a tantas feridas ; estragasteis a Hidra, que lacera-

---

(2) He necessario não haver vergonha para adulhar assim num Estrangeiro.

•Va hum povo, que gemia em silêncio ;  
quebrasteis as cadeias vergonhosas da  
nossa escravidão ; e abrindo os diques á  
nossa felicidade, mostraes aos povos ci-  
vilizados, que os Portuguezes são ain-  
da aquelles guerreiros, que affrontan-  
do os perigos dos mares abrirão pela  
primeira vez a estrada dos remotos cli-  
mas d'Asia, e Africa ! Esse espasso de  
doze annos, torno a repetir, hia des-  
penhando Portugal no maior precipicio ;  
a sua queda era irremediavel : até se  
temia a perda do nome portuguêz ! A  
ignorância, a malicia, e intriga ; a am-  
bição, a baixeza, a ociosidade, o or-  
gulho , o desejo de enriquecer , sem  
trabalho , à custa dos povos ; a aversão  
para a verdade, a lisonja, a traição, a  
perfidia, o desprezo de toda a obriga-  
ção, o abandono dos deveres de Cida-  
dão , o temor da virtude d'El Rei , e  
mais que tudo o rediculo perpetuo lan-  
gado sobre a virtude , erão o caracter

dos Ministros do antigo Governo: o tratado, que fez D. Rodrigo com o Gabinete Inglez (não fallando em outros) causou-nos, e ainda causa perdas irreparaveis: o novo regulamento, além de outros dâmnos, removia a nossa indústria para Inglaterra: as Viuvas dos Officiaes mortos na Guerra, sustentavão-se de lagrimas: o Monte Pio não se pagava: os Officiaes reformados pedião esmolla: á força Militar da Nação, passava quasi inteiramente a mãos de Estrangeiros: o seu Chefe também Estrangeiro, munido de poderes mais que inquisitorios, infamava, degradava, e enforcava quanto podia assombrallo! Oh! Testemunho funesto! Oh! Campo de Santa Anna!...

Esse monstruoso exemplo, foi terrível; mas foi tambem a priueira pedra lançada no Edificio da nossa liberdade: o corpo da Lucrecia ensanguentado acabou como o Governo Monarchico de Ro-

ma: o dévedor que appareceu na praça  
cuberto de chagas, mudou a forma da  
República: o sacrificio de Virginia, des-  
truiu os decemviroes. Eis o que produ-  
sem similhantes espectaculos!... e que  
esperavão esses monstros, da horrerosa  
Scena do dia 18 de Outubro de 1817? o  
povo soffocou as suas lagrimas, e es-  
perou até que outra sociedade de ho-  
mens benemeritos, acabasse com o Go-  
verno oppressor: esse dia chegou, e foi  
o de 24 de Agosto de 1820.

Os malles que deixo referidos, e os  
mais, que todos sabemos, forão os de-  
gráos por onde sobirão ás forcas o be-  
nemerito Tenente General Gomes Frei-  
re de Andrade, e seus companheiros! em  
caja sociedade fui envolvido: não  
tratarei aqui do modo como o fui, por  
que se deve conhecer dos autos; mas  
tratarei do rigor, e ignominia com que  
fui tratado; maneira só propria de hum  
Governo tyranno, e arbitrio.

F

em fui preso, seria huma honra da man  
nhã do dia 25 de Maio de 1817, sendo  
destinado ao Castello, a merito da huma  
segredo, da qual foi tirado, para em  
embarque, huma estidado do primadire Regis-  
tamento de Artilharia, que tendo passado  
duas deus ultimamente, morreou, enfurecida  
della a quatro mezes e findos vinte dias,  
passou passabato segredo do Lemosire,  
não mais que o constituto segredo da  
Inferno, de qbat sahi para outros, e  
em todos trez e cative cento, e quatro  
dias; e findos os quales foi avisado para  
responder de facto, e direito, e que  
que direito podia allegar, e que me sal-  
vage da maldade vontade de hum Governo  
tyranno, despotico, e infame de huma  
Governo, que senti edat ainda alguma  
crise provado isto de, no dia imediatam-  
ente ao das prisões, eendas de vndispôr o  
povo contra os infelizes que já se haviam  
perdidos na fura!, envolvendo em  
huma Portaria, que já estava presos

os traidores, que queriam fazer correr o sangue em Portugal, e a rendiar Lisboa! (3) passando o seu atrevimento a servir-se dos sagrados meios da Religião para tales assassinatos mandando-se aquela humana Pastoral, que vadiosas graças se Deus pôs príziosas traidores! (4) Monges! (5) e não vos iluséra de vossego? não; porque este movimento intelecto não cabe se não aos homens a quem a singela testa alguma sivilidade, em cuja paixão não entrarão os Tigres, e os Leões, ou os leões e tigres de Portugal.

**O Letrado**, que me defendeo alegou em meu favor o que pôde, e quanto o pôde, despenitir daquelles desgracados tempos; o resultado foi o Acordo a被迫ce que dormiu aquelles Ministros arbitrários, que se acha no

(3) A Proclamação que também assinhou António Gomes Ribeiro em 29 de Agosto de 1820, teria o mesmo resultado; este hei mais forte, e mais seguramente obtendo de cada um

Sentença impressa as folhas vinte, e seis. — Condenação também o Réo Antônio Pinto da Fonseca Neves em dez anos de degredo para Moçambique, e em confiscação de metade dos seus bens; no qual não apontão crime, nem Lei que mande punir! Esta classificação estava reservada, ao Gabinete do Rio de Janeiro, visto Quartel General como mostrarei em seu lugar.

Desta arbitrarria Sentença se seguiu toda a qualidade de aprobroto, como, ir á casa de India, e Mina em huma scye rodeada de oitos soldados, e dum cabo, com huma qualquer causa, a quem chamão *Maior dos degradados*, e a quem dei 4800 em metal para evitar maior insulto, pistohe, lições de cordas, algemas, apgimbos &c. &c. Fui por este mesmo digno companheiro, entregue ao Capitão da Ribeira, Theodoro José Laurentino, encarregado da remessa dos degradados aos seus desti-

nos, ao qual pedindo me inviasse ao Rio de Janeiro servindo-me este Porto de escalla para dali ir ao meu destino, foi-me respondido = que tinha ordem passiva para me não mandar pelo Rio de Janeiro: tanto h̄e verdade que se não deixarão chegar aos ouvidos d'El Rei as queixas dos infelizes ! mas a dita licença foi-me concedida depois de anno, e meio de prizão; por já terem preparado contra mim aquelle Gabinete: suspeitei-me á minha custa em todo este tempo de prizão, em Portugal, no Rio de Janeiro, e em Monte Video, em cujas viagens gastei grandes sommas, assim como em inuteis Requerimentos Procuradores, e outras vias, que a detenção manda calar, e que nem hum effeito tiverá, se não no fim de nove mezes, que estive a bordo da Presinga, o seguinte Decreto: " Por justos motivos que me farão presentes, e se fizerão dignos da minha Real co-

„ miseração ; e muito principalmente  
 „ em reverencia ao dia certa feira maior,  
 „ em que Francisco Antonio de Sousa, o  
 „ Antonio Pinto da Fonseca Neto, res-  
 „ correrão à minha Real piedade sup-  
 „ plicando-me o perdão das penas edi-  
 „ que forão condenados por Inconfi-  
 „ dentes o primeiro por toda a vida pa-  
 „ ra Angola , e o segundo em dez an-  
 „ nos para Mogambique : hei por bem  
 „ commutar-lhes as referidas penas em o  
 „ serviço das minhas Tropas em Moato  
 „ Vídeo, A Meza do Desembargo &c.  
 „ &c. em nove de Abril de 1819. „  
 „ A palavra Inconfidentes, que não acha-  
 „ va na Sentença , me fez requerer a cer-  
 „ tidão das guias, que me acompanháráo  
 „ para o Rio de Janeiro , nas quaes se  
 „ achão as seguintes notas . ” Francisco  
 „ Antonio de Sousa casado com Dona  
 „ Maria Joaquina Angelica de Sousa ...  
 „ condemnado em degredo perpetuo pa-  
 „ ra o Reino de Angola , por crime de

Incômodo - Antonio Pinto da Fonseca Neves, casado com Dona Camila, filha Filóthea Boelhe: este Réo foi condenado em degrada por dez anos para Moçambique, e isto por culpa, e iniurosos ! ! (4) , condennas por culpa extorquiveis, sem declaracão desse motivo, e dessas culpas, só dumentrou aos Desembargadores Antônio Góes Ribeiro, e a seis Adjuntas, ie fui hum methodo novo, achado por elles, de condemnar, ou flagelar.

Com as referidas notas, fiz outro requerimento que foi indeferido: nestas circunstâncias fui para Monte Video, sem se me declarar a minha Patente, sequida em mais de vinte requerimentos.

(4) Portuguezes áttentos reflecionai sobre esta nota: ha mais vergonhoso modo de condenar? Por motivos! Eis os Ministros do passado antigo Governo! Todos, todos estávamos sujeitos, ás forcas, e ás fogueiras. Odio, e mais odio aos despotas: só hum Governo Constitucional nos convém.

tos ; sem algum resultado ; porque nunca tiverão despacho ; e por consequencia não podendo o General commandante das forças naquelle parte oriental do Rio da Prata empregar-me como Official , fiquei aliás como hum simples degradado the o dia 12 de Abril do corrente anno de 1821 , no qual embarquei para Gibraltar , d'onde por terra , entrei na minha Patria , no dia tres de Julho do mesmo anno , graças ao Governo Liberal.

Quando sahi do Limoeiro , para ir ao meu destino , fui em huma cadeirinha da Ribeira , na qual ( supponho que por desprezo ) me levarão com as costas , para onde devia ir á frente , e cercado de Soldados fui servindo de alvo do povo : no Rio de Janeiro , fiquei prezo a bordo da priziganga , mais de nove mezes , e para me não lançarem ferros aos pés , foi-me necessario toda a força de expressão , e abonar a minha conducta com

alguns conhecidos, que existião naquelle Corte! E he este o modo de tratar hum Cidadão, que em Paizano, Cadete, e Official tinha exposto a sua vida pela sua Pátria?

O Ajudante da Intendencia *Cazal Rebeiro* com o rizo na boca, e o diabo no coração, fez quanto estava da sua parte, para reduzir-me à cinzas no campo de Santa Anna, e do Quartel General, sahio huma ordem assignada pelo Ajudante General Manoel de Brito Moziuho, a qual mandava se transcrevesse (como com effeito se transcreveo) no Livro Mestre do Regimento a seguinte nota

— " Foi prezo por ordem do Governo  
 ,,, em 25 de Maio de 1817, por crime  
 ,,, de Lesa Magestade da primeira cabeça,  
 ,,, & alta traição, e sentenciado pelo  
 ,,, Tribunal competente (que bellos Ju-  
 ,,, ristas havia neste Quartel General, ou  
 ,,, boceta de Pandora) em dez annos de  
 ,,, degredo Moçambique, &c. &c. " =

No Quartel General condonava-se  
meu passado; no Rio de Janeiro por  
Incomisível! (5) E por mais diligências —  
que fiz para se me riscar similhante pena foi  
tudo inutil: o despotismo, e o arbitrio  
ligavão o Governo de Portugal, ao do  
Rio de Janeiro; a chicana era a mesma  
como mostra no seguinte facto,  
Conduzi para Espanha hum grande  
comboi de munigões de guerra, instalhei  
dous Depositos, hum em Medina d'El-  
Rio, outro em Palencia; comandando-se, e  
municiei o Exercito por varias vezes; houve  
verão transações neste meu comando  
e porque o meu degredo fosse longe da  
ditancia, e tempo, requisi ao Governo  
para dar contas; o Governo mandou  
por hum Aviso que informa-se a Juiz  
dos degradados, e depois d'este mandar  
fazer huma revista aos meus documen-  
tos; foi escusado o requerimento, por

---

(5) Eis provada a clacificação dos crimes no  
Quartel General, e no Rio de Janeiro.

Petição de 17 de Novembro de 1817: fiz logo outro requerimento, n'ov qual pedia para conservação dos meus bens; se me dessem as contas por dadas, visto não ser admitido a dar-las; foi também indeferido! Não me deixarem dar contas, nem darem-me por dadas! Pode chegar a mais o despótimo? No Rio de Janeiro fiz outro requerimento, allegando os dous indeferidos, e pedindo novamente a admisão das minhas contas; mas como o primeiro despacho, foi também hum Aviso, para também informar o Juiz dos degradados, não cuidei mais das contas, que ainda estavam por dar (6): eis o homógenio dos dous Governos. Cá, e lá mas faltas havião.

A todas estas injustiças, vexames, enxovalhos, e despezas, acresce a inter-

---

(6) Como não erão capazes de dar contas da sua administração publica, não se embarracão com as contas dos outros: por isso temos tamanha dívida Nacional.

rupção da minha carreira militar; pois que venho achar segundos Tenentes, que etão mais modernos, todos Capitães, e Officiaes Inferiores primeiros Tenentes.

Finalmente, se nesta Memoria fizera hum deta-lhe de tudo quanto soffri, cangaria a Vossas Senhorias, e faria mais odiosos ao publico, todos os Ministros, que tiverão a fraqueza, ou a maldade de preferirem, e assignarem huma tal Sentença, contra tantos Cidadãos só para adularem hum chefe Estrangeiro; encabeçando em crime de Lesa Magestade a oposição á sua prepotencia! Em quanto á parte, que tive n'ella nada mais se pôde conhecer, senão que eu sabia daquella sociedade, e que não delatei: eu ser hum delator! E hum delator a bem de hum Estrangeiro! Não, os homens da minha educação moral, e conducta, não servem para delatores, ou carrascos; isso he proprio de hum Bacharel Sá, de hum Pedro Pinto de

*Morais Sarmento; e de hum José de Andrade Corvo, &c.*

Espero por tanto, e pelo mais que allegar em meu favor o benemerito Letra do Philippe Arnaut de Medeiros, que aquella minha Sentença seja annullada conforme o direito, e que me sejão pagos tantes prejuizes, que della faç resultarão protestando á minha Patria, que eu verei, se necessário for, correr o meu sangue, pela utilidade da Nação, & Systema Constitucional, como bom Portuguez.

*Antonio Pinto da Fonseca Novez.*

Espero por tanto, e pelo mais que allegar em meu favor o benemerito Letra do Philippe Arnaut de Medeiros, que aquella minha Sentença seja annullada conforme o direito, e que me sejão pagos tantes prejuizes, que dela faç resultarão protestando á minha Patria, que eu verei, se necessário for, correr o meu sangue, pela utilidade da Nação, & Systema Constitucional, como bom Portuguez.

Forma da acusação por Juiz de paz  
 que derão, as infelizes victimas, sacri-  
 ficadas em defesa da justiça: Julião da Ba-  
 rra, é o suspeito de Santa Anna; Sendo  
 Juiz Relator do Desembargador Antônio  
 Gomes Ribeiro, passou adjunto aos Desem-  
 bargadores D. João Kellwasser Machado  
 e José Antônio da Cunha Leite  
 de Barros. Estante a denuncia de Aran-  
 jo, José Ribeiro Barreiros = Antônio  
 José Góis e os Drs. Braga e  
 José, José, Antônio, Salles da Cunha,  
 donça =.

### Perguntas no acto de Juramento.

1. A quem se dirigiu?

1. Se era Portuguez?

2. Que pensava do Estado lastimo-  
 so da sua Patria?

3. Quaes julgava serem os seus de-  
 veres como Portuguez?

4. Se desejava cumprir com os de-  
 veres de Portuguez unindo-se a huma-

sociedade destinada a saquear pelas satisfação de delles & &c. & &c. (7) quando ellos

Julgue o Público se os Ministros que mandarão enforcar aqueles bons Portuguezes pôdem ser bons Ministros e jurarem sinceramente a nossa Constituição.

### ~~PROTESTO~~

Fui, sou, e serei até o ultimo momento da minha vida, Portuguez.

Conheci a desgraça da minha Patria naquelles nefandos tempos, por influxo de hum punkado de tyrannos.

Julguei, julgo, e julgarei ser do meu dever; e o de todos os bons Por-

(7) Eis os crimes porque assassinarão o nunca assaz chorado Tenente General Gomes Freire de Andrade, e mais onze Portuguezes, que todos tinhão servido com honra a sua Patria!!!

Quelle resource dans um Etat lors que on y egorge l'innocence au nom des Loix que doivent la defandre?

Elog. de Marc. Aur. por M. Thom. pag. 61.

tuguezes, cooperarmos com todas, as nossas forças para a imprehendida, e conseguida Regeneração.

Desejei, desejo, e desejarei poder ser útil á causa Nacional, e juro morrer por ella.

*Antonio Pinso da Fonseca Neves.*

*Designavam os IllustriSSimos Senhores.*

- Antão de Saldanha, *Conde da Ega.*  
 Augusto José Henriques Gonzaga.  
 Alexandre Antonio de Sousa Freitas.  
 Alexandre Antonio Gonçalves de Maga-  
 lhães.  
 Antonio de Padua da Costa de Almei-  
 da, *Major.*  
 Antonio de Vasconcelos Abranches, *Ca-  
     pitão.*  
 Antonio Avelino da Costa, *Capitão.*  
 Antonio Brandão de Castro, *2. Tenente.*  
 Antonio José Borges Gameiro.  
 Antonio Feliciano Alves de Azevedo.  
 Antonio Pedro Teixeira de Aragão, *Te-  
     nente.*  
 Antonio Paulo Duarte Pereira, *2. Te-  
     nente.*  
 Antonio Maria da Fonseca.  
 Antonio Figueira de Almeida.  
 Antonio Zefirino Tavares de Caryalho.

G

**Antonio Maria Gonçalves da Costã, Tenente.**

**Antonio José de Lima.**

**Antonio de Sousa Menezes.**

**Antonio Feliz de Mendonça Arraes, e  
Mello.**

**Bartholomeu da Nóbrega Baldaque.**

**Baltesar de Sousa Menezes.**

**Christiano Frederico.**

**Christovão José Franco Bravo, Capitão.**

**Caetano José Vaz Parreira, 1. Tenente.**

**Cypriano José Soares, 1. Tenente.**

**Cypriano José da Silva, Coronel.**

**Duarto José da Silva Freire.**

**Diogo José Viejo de Santa Anna.**

**Diogo de Sousa Menezes.**

**Eleuterio Joaquim Maciel, 2. Tenente.**

**Feliz Lautiano de Mendonça, e Silva.**

**Fractoso de Paiva Cardoso.**

**Francisco de Paula Borges da Silveira.**

**Francisco Gaspar Pegas de Béja.**

**Francisco Antonio Correa.**

**Francisco José de Caldas, e Brito.**

Francisco Luiz de Gouveia Pimenta.

Francisco Roção de Goes.

Francisco José Pereira de Noronha.

Frei Manoel da Cunha Reis.

Francisco Manoel Ribeiro de Araújo,  
*Major.*

Francisco José Velez Barreiros, *Major.*

Fernando Homem Carneiro, *Alferes.*

Francisco de Paula da Cunha Brabosa,  
*2. Tenente.*

Francisco Gonçalo Pereira Rolim, *2.  
Tenente.*

Francisco Antônio de Menezes, e Sousa.

Gregorio Antônio Pereira de Sousa, *Adju-  
dante.*

Guilherme Frederico Marcelli.

Guilherme Gomes.

Henrique Mariz Pereira, *Tancrele.*

Ignacio José da Costa.

Januario Correa.

João Pires dos Santos Chaves.

João José de Mesquita, e Moura.

João Domingues Pegas de Beja.

- João Pedro Soares de Luna; *Capitão.*  
 João José da Silveira Aguiar, 1. *Tenente.*  
 João Visella Bastos, 2. *Tenente.*  
 João Carlos de Lara Carvalho.  
 João Antonio Lopes.  
 Joaquim Eugenio da Costa.  
 Joaquim Vieira de Mello.  
 Joaquim Celestino Gonçalves.  
 Joaquim Xavier de Sousa.  
 Joaquim Coelho das Neves.  
 Joaquim José Tristão  
 José Antonio Borges da Silva.  
 José Jeronymo Pires Moreira.  
 José Pedro Borges da Silveira.  
 José Pedro de Mello, *Capitão.*  
 José Joaquim Pereira de Mello.  
 José Maria de Abreu Castello Branco.  
 José Ignacio Pinto Machado, *Tenente.*  
 José Xavier Versane Leite.  
 José Botelho Soure.  
 José Jeronymo Granate, *Tenente Coronel.*  
 José Manços de Faria, 1. *Tenente.*  
 José Maria Moreira de Bergara, 1.  
*Tenente.*

José Joaquim Barreira, *Capitão.*

José Bento de Sousa Fava, *Capitão.*

José Bernardo Teixeira Marinho.

José Maria de Saldanha da Cunha, *Tenente.*

José Guilherme de Lima.

José Pimentel.

José Ignacio de Freitas Pedrosa.

José Bello de Araujo, *Tenente.*

Leonardo Marcelino da Graça.

Luiz Rodrigues Teixeira.

Luiz Guilherme Coelho, *1. Tenente.*

Luiz de Moura Furtado.

Luiz Manoel de Moraes Rego, *Capitão.*

Mauricio José Correa.

Matheus Valente do Couto, *Lente da Real Aula da Marinha.*

\*Manoel Ribeiro de Araujo, *Brigadeiro.*

Manoel Maria da Fonseca.

Manoel Luiz da Silva, *Tenente de C. de L. Oriental.*

Nercizo Freire Carneiro.

Ricardo Leão Quartem.

Redactor do *Astro da Lusitania*, com  
três exemplares.

Sebastião Lopes Vidal, Tenente.

Francisco de Araujo Abreu, Capitão.

Theodoro José Duarte, Major.

Theodoro Lazaro de Sá.

Valerio Caetano de Almeida Campos.

Vicente José Borges da Silveira.









**ÖSTERREICHISCHE  
NATIONALBIBLIOTHEK**

**ÖNB**

